



E

m 15 de janeiro de 1985, o Brasil se enfeitou de verde-amarelo e alegria para festejar a vitória de Tancredo Neves. Foram 480 votos, contra 180 dados a Paulo Maluf. Era a certeza da democracia, depois de quase 21 anos de ditadura.

Congresso Nacional superlotado, assisti à votação de pé, abraçado ao escritor e cartunista Ziraldo, amigo de vida inteira, e ao saudoso jornalista Zózimo Barroso do Amaral. Choramos de pura alegria, coração ace-

lerado, nó na garganta, voz embargada, emoção ameaçando arrebentar o peito. Momento mágico, luminoso pedaço de céu azul, verde, branco e amarelo. Tancredo: “Se todos quisermos, dizia-nos, há quase duzentos anos,

RONALDO COSTA COUTO

Rasteira do destino

RONALDO COSTA COUTO é economista, escritor e doutor em História pela Sorbonne (Paris IV), foi ministro do Interior, governador de Brasília e ministro-chefe do Gabinete Civil da Presidência da República (governo Sarney). É autor de, entre outros, *Tancredo Vivo* e *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura* (ambos pela Record) e *Matarazzo* (Planeta do Brasil).

Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande nação. Vamos fazê-lo”.

É a culminância de uma das trajetórias políticas mais longas, agitadas e brilhantes do Brasil. Nascido em São João del-Rei, em 4 de março de 1910, Tancredo graduou-se em direito, em 1932. O golpe de 1937 tomou-lhe o mandato de vereador e a chefia da Prefeitura. Advoga, peleja contra o Estado Novo. Em 1945, filia-

se ao recém-nascido PSD. Eleito deputado à Assembléia Constituinte Mineira e seu relator geral. Hábil negociador, impõe-se pela convicção democrática, oratória, capacidade de articulação, paciência e sagacidade política. Do adversário José Bonifácio de Andrada e Silva: “O Tancredo é um político capaz de tirar as meias sem tirar os sapatos”.

Deputado federal em 1950, lidera a bancada do PSD mineiro. Em 1953, assume o Ministério da Justiça de Vargas. Com o suicídio do presidente, em agosto de 1954, retoma o mandato. No governo Kubitschek, chefia a Carteira de Redescontos do Banco do Brasil, dirige o então BNDE. Secretário de Finanças de Minas em 1958, governo Bias Fortes, candidata-se a governador em 1960. Prejudicado por cisão partidária, perde para Magalhães Pinto, da UDN.

Com a shakespeariana renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, chefia o governo parlamentarista então improvisado. Deixa o cargo em junho de 1962, elege-se deputado federal. Com o golpe de 1964 e o regime autoritário, recusa-se a votar no marechal Castello Branco, seu amigo pessoal, e vai para a oposição.

Deputado federal pelo MDB, em 1966, forma ao lado de Ulysses Guimarães, liderando a corrente moderada do partido. Evita radicalismos verbais, mas não poupa a ditadura. Sobre o sinistro AI-5, de dezembro de 1968, golpe dentro do golpe: “O AI-5 é, a meu ver, o instrumento mais repressivo que já existiu na civilização dos povos cultos”.

Entra e sai de listas de cassação de mandatos e direitos políticos. Reelege-se em 1970 e 1974, vai a senador em 1978. Em 1979, cria e preside o Partido Popular (PP), de centro, abatido pela ditadura em 1981.

Eleito governador de Minas em 1982, brilha como executivo e intensifica a luta pela democratização. Do primeiro discurso, na sacada do Palácio da Liberdade, a praça cheia de gente e de esperança: “O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade”. Ou seja: contra a ditadura. Repetia sempre que até o paraíso, se estiver

cercado, será sempre o inferno. Considerava a liberdade valor absoluto da vida.

No começo de 1984, mergulha na campanha das Diretas-já para presidente. Aos 74 anos ainda trabalha exageradamente. Justifica-se: “*Para descansar, tenho a eternidade*”.

Estrategista, faz da energia das Diretas-já trunfo no Colégio Eleitoral. Costura a aproximação com dissidentes do governo, como Aureliano Chaves, José Sarney, Antonio Carlos Magalhães, Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Thales Ramalho. Em agosto de 1984, candidata-se a presidente da República, com Sarney de vice. Desencadeia vibrante campanha por todo o país, como se a eleição fosse direta.

Atrás de votos, concilia e negocia, mas sem abrir mão de seus princípios. Ensina: “Sempre que você transige em princípios, ganha num episódio, mas apenas num episódio. Perde em substância e permanentemente”. Exige a democratização, promete convocar assembléia nacional constituinte, pede paz e compreensão. Seu projeto é de democracia e desenvolvimento.

Um talento superior em estratégia e jogos políticos. Conhecia as artes e manhas. Um exemplo? A sutil participação na convenção do PDS, em que Paulo Maluf derrotou o ministro Mario Andreazza. Tancredo preferia enfrentar Maluf. Se ganhasse Andreazza, talvez nem se candidatasse. Considerava quase impossível vencê-lo no Colégio Eleitoral. Corte para Brasília, 16 de março de 2005, aspas para Francisco Dornelles, amigo e sobrinho, que seria seu ministro da Fazenda: “A história um dia vai contar o trabalho intenso de Tancredo Neves para a vitória de Paulo Maluf na Convenção do PDS” (1).

A candidatura atravessa campo minado. Sinalizações continuístas, manobras golpistas, jogos intimidatórios, ameaças, e até engenhosa tentativa de afastá-lo e a Maluf, em benefício de uma chapa dita de união nacional.

Fevereiro de 1985, aos 75 anos, faz extenuante viagem de 16 dias ao exterior, em duro inverno. Visita Portugal, Espanha, França, Itália e Estados Unidos. Na volta,

1 Pronunciamento de Francisco Oswaldo Neves Dornelles na Câmara dos Deputados, em 16 de março de 2005.

ainda Peru, Argentina e Uruguai. No início de março, anuncia o ministério, dá a primeira entrevista coletiva de um presidente brasileiro em vinte anos.

Democracia na mão, trabalha sem parar. Uma engenharia política delicada e cansativa. Muitas demandas, pressões, formação da equipe, negociações, concertamentos. Na cabeça, clareza de rumos e prioridades, a fórmula do processo. Esperança é seu outro nome para o povo: “Enquanto um só brasileiro não tiver pão, letra, teto e trabalho, toda prosperidade será falsa”.

Um talento em estratégia e jogos políticos. A política é sua vida, paixão, prazer. Jovial, divertido, tratava até a morte com bom humor. Prevendo rápido esquecimento de famoso político que morrera: “O Brasil tem os melhores cemitérios do mundo”. Em conversa no Senado sobre o epitáfio preferido: “Aqui jaz, muito a contragosto, Tancredo de Almeida Neves”.

PERIGO DE MORTE

No auge, dono de vasto capital político, reta final para a posse, o drama pessoal. Como numa tragédia grega, oculta doença abdominal que supõe ser grave. Dois irmãos haviam morrido de câncer. Precisa ser operado, mas teme crise político-militar se não for empossado. Recebeu informação de que o governo negará posse a seu vice, José Sarney. Decide ir em frente. Razões de Estado, amor à causa democrática, necessidade política, imperativo jurídico.

A doença avança. Automedica-se, recorre a médicos em que confia, tenta controlar a dor e o desconforto. Novos exames. Há perigo de morte, mas mantém a disposição de risco e sacrifício. Luta contra o tempo: antevê crise de desenlace imprevisível se não for empossado. Receia pela estabilidade da Nova República. Avalia seus esquemas de garantia da transição. Conclui que impasse político-militar ou mesmo tentativa de golpe ainda são cenários viáveis. Enfrenta o sofrimento, conta

os minutos. A hora está chegando. Mas a doença se agrava. Mais exames, precisa operar-se. Há perigo de morte.

Ulysses toma conhecimento de tudo. Reúne-se com Afonso Arinos de Melo Franco e outros amigos. Telefona preocupado, preocupadíssimo. Argumenta, pondera, sugere convocação de junta médica. Mas Tancredo minimiza, desconversa, muda de assunto, pergunta sobre nomes para os governos de Roraima e Amapá. Tinha horror de falar em doença e mais ainda de tratar assuntos graves ou reservados ao telefone. Não confiava. Está mesmo determinado a assumir de qualquer jeito. Quer, precisa e considera indispensável.

RASTEIRA

No final da tarde de 14 de março de 1985, véspera da posse, com comovente sacrifício físico, assiste a longa missa na Igreja Dom Bosco, região central de Brasília. Era católico fervoroso, devoto de São Francisco de Assis. Disse a amigos que era a posse junto ao clero. Santo sacrifício, perigosa obrigação: tinha recomendação médica de guardar repouso absoluto. Sente dor ao ajoelhar e principalmente ao se erguer. Esforça-se para dissimular, mas algumas pessoas percebem. Como o vice-presidente Sarney, já a par do problema, avisado pelo médico de Tancredo, Renault de Mattos Ribeiro. À noite, na Granja do Riacho Fundo, de novo muita dor, calafrios. Febril, pede ao neto Aécio Neves os atos de nomeação dos ministros e assina.

Por volta de 8 da noite, de robe e chinelos, entra caminhando no Hospital de Base de Brasília. Ouviu dos médicos que era apenas para tomar soro com antibióticos.

Dois meses depois da mágica vitória, a hospitalização, início de 38 dias de agonia. Acaba a festa, começa a tragédia. A Nova República corre para o hospital. Familiares do presidente, líderes políticos, a cúpula da nova equipe de governo. Proposta de cirurgia imediata. Tancredo: “Eu peço pelo amor de Deus: me deixem até amanhã e depois

de amanhã façam de mim o que vocês quiserem. Mas eu tenho a obrigação. É um compromisso que eu tenho. Eu sei de fonte fidedigna que o Figueiredo não dá posse ao Sarney”. Chama o filho, Tancredo Augusto: “Eles estão mesmo querendo me operar, meu filho. Mas eu não quero, não posso agora. Só depois da posse. Vá lá e converse com o Pinheiro”. O filho vai ao médico, volta aflito: “Olhe, pai, não tem solução. Diz o Pinheiro que não é uma operação complicada e que não há outro jeito. Perguntei-lhe o que acontece se o senhor não se operar. E ele me respondeu: Se o seu pai não se operar, vai morrer” (2).

Tancredo só cede ao ter certeza da posse de Sarney. Instrui Dornelles: “Mas tem que ser o Sarney, Dornelles!”. Sabedoria e pragmatismo. A posse do vice confirmaria os mandatos, não haveria cargo vago. Sem Sarney, se o impedimento demorasse, poderia haver nova eleição. Tancredo, ainda a Dornelles: “Sendo assim, eu passo o problema para os médicos. Se eles acharem que eu tenho que ser operado, e aqui, eles é que têm que tomar a decisão. A minha preocupação era o problema político. Se você me garante, eu entrego a eles a responsabilidade pela parte médica” (3).

A poucos metros do presidente, a cúpula do novo governo. Análise da Constituição, consultas a juristas. Miúda formalidade impede a posse de um presidente amado pelo povo, regularmente eleito e lúcido. Não teria sido lógico e justo empossá-lo no hospital?

Sarney e Ulysses conversam, mostram grandeza. Sarney diz que deseja tomar posse junto com Tancredo e se retira. Ulysses, anos depois: “Segui as instruções do meu jurista. O meu ‘Pontes de Miranda’ [general Leônidas] estava lá fardado e com a espada me cutucando que quem tinha de assumir era o Sarney”.

Uma rasteira do destino. O clima vira do avesso. Perplexidade no país inteiro. Desinformação, boataria infernal, suspeitas, medo, orações. O Brasil está assustado, espantado, atônito. Triste grande acontecimento. Enxame de jornalistas. A mídia

desencadeia cobertura contínua, incansável, espetaculariza a doença e o tratamento. Um martírio de 38 dias acompanhado e sentido pelo povo. Televisado, irradiado, escrito, desenhado e fotografado. Tudo!

CURTO-CIRCUITO?

Pode ter acontecido mortal curto-circuito de comunicação. Figueiredo, enfiado e praticamente apeado do poder, talvez estivesse preso apenas a questões formais, jurídicas. Possivelmente induzidas pela implicância e má vontade com Sarney, visto como inimigo, porque optara pela Nova República: “Esse não pode. Ele não assumiu! Como é que ele vai assumir, se ele não é vice-presidente? Ele é vice-presidente eleito, mas não empossado. Então não pode substituir alguém que não foi empossado também”. Não queria passar o cargo a Sarney, mas não se opunha à passagem do poder à Nova República. Questão pessoal.

O sentimento negativo de Figueiredo em relação a Sarney e a Aureliano Chaves impressiona. Era realmente intenso, fortíssimo. Muitos anos depois, fora do poder, vivendo no Rio de Janeiro, confiará a jornalista amigo: “Tenho dentro da gaveta da minha escrivaninha duas fotografias. Uma daquele Aureliano. Outra desse Sarney. Sabe para quê? Para ter o prazer diário de, ao olhá-las, sentir ódio. Entro no quarto, puxo a cadeira, abro a gaveta, pego as duas fotos e fico olhando a cara deles. Adoro sentir ódio deles. Diariamente faço isso” (4).

Figueiredo admitia a posse de Ulysses Guimarães ou do presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Moreira Alves. “*Era arranjar um infeliz*”, disse depois. Juridicamente vencido, mas não convencido, ele vai se recusar a transmitir o cargo e a faixa presidencial a Sarney (5).

Falam em apenas 5 dias ou uma semana de afastamento, mas medicina não é ciência exata. A recuperação pode demorar. O cuidadoso e prudente Tancredo não se esquece disso.

2 Depoimento de Tancredo Augusto Tolentino Neves ao autor, em 8 de janeiro de 1995.

3 Depoimento de Francisco Dornelles ao autor, em 21 de março de 1995.

4 Revista *Veja*, São Paulo, 12 de janeiro de 2000.

5 Depoimento do general João Baptista de Oliveira Figueiredo ao autor, em 12 de março de 1997.

VÍRGULAS E CONJUNÇÕES

O que está fazendo o doutor Ulysses? Olavo Egydio Setúbal, que assumiu o Ministério das Relações Exteriores na manhã seguinte, conta:

“Aconteceu um episódio muito curioso na véspera da posse, à noite. Tinha aquele monte de festas, e eu andando de um lugar para outro. De repente, encontrei um senador, cujo nome agora não me lembro, que me disse: ‘Olha, ministro, o doutor Tancredo está internado no hospital’. Saí da festa e fui direto para lá. Estava aquele tumulto! Alguém me disse que os políticos estavam reunidos na sala do doutor Ulysses Guimarães, lá no Congresso. Fui para lá. Então, num dado momento, o Ulysses chamou os ministros e algumas outras pessoas para o gabinete dele. Tinha lá umas dez pessoas. Alguém levantou se devia tomar posse o Sarney ou o Ulysses Guimarães. Ulysses disse: ‘Vamos ver como é a Constituição’. Aí, naquele tumulto, 10 horas da noite, no fim de algum tempo acharam vários exemplares da Constituição. O Ulysses então leu: ‘No dia tal tomará posse o presidente da República ou o vice-presidente, [vírgula]’. Quer dizer, como a vírgula separa os dois, a posse é diferente. Então, pela vírgula, quem tem que tomar posse é o vice-presidente da República” (6).

A pontuação, a conjunção “ou” e a conjunção aditiva “e”. São incontáveis e surpreendentes os caminhos e labirintos do poder. Eis os comandos da chamada Constituição de 1969:

“Artigo 76. O presidente tomará posse em sessão do Congresso Nacional e, se este não estiver reunido, perante o Supremo Tribunal Federal, prestando compromisso de manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral e sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil.

Parágrafo único. Se decorridos dez dias da data fixada para a posse, o presidente ou o

vice-presidente, salvo motivo de força maior, não tiver assumido o cargo, este será declarado vago pelo Congresso Nacional. Artigo 77. Substituirá o presidente, no caso de impedimento, e suceder-lhe-á, no de vaga, o vice-presidente”.

Prevalece a vontade e conclusão de Tancredo: Sarney tomará posse, porque é o vice-presidente eleito da República, e não de Tancredo. Afonso Arinos havia dito a mesma coisa na televisão e rádio. Consenso. Improvisa-se comissão para tratar do assunto com o governo Figueiredo.

Um dos membros é Fernando Henrique Cardoso, senador pelo PMDB:

“Ulysses, eu, o Fragelli – presidente do Senado – e o general Leônidas saímos juntos para pegar um automóvel, que foi, aliás, o do general Leônidas, eu creio. Para nos encontrarmos com o Leitão de Abreu. Para resolver as questões objetivas. E era a questão do como fazer na manhã seguinte. Sarney ou Ulysses! E o Leitão, pelo menos a nós disse – embora tenha dado outras versões a outras pessoas, inclusive ao Sarney – que lhe parecia que seria o Ulysses. Aí começa uma discussão. Eu digo: ‘Eu me recordei que existe um livro do Afonso Arinos – eu não sabia da declaração do Afonso Arinos no rádio – sobre a sucessão do Rodrigues Alves que talvez nos ajudasse’. Aí o Leitão disse: ‘Mas os meus livros já estão encaixotados. Já foram embora’. Eu digo: ‘Mas o senhor não tem uma Constituição?’ ‘Eu tenho’. Foi lá dentro e pegou a Constituição. E começamos a ler juntos a Constituição. Eu me lembro que o general disse: ‘Disso eu não entendo nada. O que os senhores decidirem nós vamos fazer’. A discussão foi entre o Ulysses e o Leitão, que eram os que entendiam. E tinha uma conjunção ‘e’, que permitiu ao Ulysses uma interpretação”. [...] “Eu me recordei que o Leitão disse: ‘Não, eu acho que o senhor tem razão. Podia ser o Sarney’. Aí alguém – acho que foi o Fragelli – colocou a questão da faixa. Quem passa a faixa? O Leitão foi taxativo: ‘A faixa não se passa! Só de presidente para presidente’. Então foi encerrado o assunto da faixa”.

6 Depoimento de Olavo Egydio Setúbal ao autor, em 13 de junho de 2000.



Sarney assumirá como vice-presidente e entrará no exercício da Presidência, tendo em vista o impedimento de Tancredo.

Ainda Fernando Henrique:

“Naquela altura, nós não estávamos escolhendo o sucessor para a Presidência. Estávamos escolhendo alguém por uma semana. As hipóteses: ‘Não, Ulysses não quis, porque ele ficaria impedido de ser presidente’. Não, não era isso! Nós não estávamos contando nem desejando a morte do Tancredo. Nós estávamos escolhendo alguém por uma semana. E Ulysses estava convencido que tinha que ser o Sarney. Havia certo receio do Ulysses em assumir, por causa dos militares. Ulysses tinha uma briga mais dura com os militares. Com o Geisel, por causa do negócio do Idi Amin (*). E o Sarney, por sua vez, também tinha problemas, por causa do próprio general Figueiredo. Era tudo difícil! O Leitão foi impecável naquele dia. Nós saímos de lá e fomos para o gabinete do presidente da Câmara ou do Senado, não me lembro bem. Um dos dois. Estava todo mundo junto lá, do PMDB. Já estavam na tese de que era o Ulysses! Sobretudo o Freitas Nobre. O PMDB queria Ulysses, não queria Sarney. Aí, Ulysses: ‘Não! Vai ser o Sarney!’ . Isso foi também outra ducha de água fria. Foi assim, desse jeito que estou contando. Mal sabíamos que estávamos assegurando 5 anos para o Sarney na Presidência” (7).

se antes do presidente que do paciente de 75 anos. Há dezenas de curiosos dentro da sala de cirurgia. Inclusive autoridades, políticos e outros perigosos indesejáveis nesse ambiente que exige cuidados superiores. Não menos de trinta pessoas estavam lá dentro. Algumas entraram, saíram, fumaram ou conversaram, e voltaram. Contaminação?

A cirurgia começa à 1h10 da madrugada de 15 de março de 1985 e termina às 3h. A exatamente sete horas da posse do vice-presidente Sarney. É euforicamente anunciada como sucesso: Tancredo poderá assumir na semana seguinte. Falso: ele quase morre logo depois, de complicações respiratórias. Um dos problemas: os médicos não passaram a sonda nasogástrica na mesa de operação. Esqueceram-se dela.

O médico Carlos Mosconi, deputado federal, amigo pessoal de Tancredo, ex-secretário da Saúde do Distrito Federal, viu e sofreu tudo de perto:

“Aconteceu o seguinte: um dos anestesistas, a pedido do cirurgião, finda a cirurgia, tentou várias vezes passar uma sonda nasogástrica no doutor Tancredo, mas não conseguiu. Desistiu. [...] A meu ver, foi a principal fonte de todos os males que aconteceram depois com o presidente. [...] A sonda nasogástrica é um tubo plástico flexível. Ela entra pelo nariz, segue pelo esôfago, estômago. Serve basicamente para descomprimir [gases e líquidos estomacais]. Pode favorecer o reaparecimento do peristaltismo intestinal. Ele teve uma distensão abdominal logo depois, você se lembra? Distendeu o abdômen, o intestino ficou paralisado. Foi isso que impôs a segunda cirurgia, em que nada foi encontrado. Só o intestino distendido e paralisado. [...] Aí o cirurgião já foi o doutor Henrique Walter Pinotti, que veio de São Paulo. Ele reabriu o abdômen, passou a sonda, fez uma limpeza e tornou a fechá-lo. Pensava-se que assim o intestino ia recuperar os movimentos normais, o que não aconteceu. Depois a coisa foi se complicando cada vez mais. Houve hemorragia interna e outras dificuldades. Acabou acontecendo a transferên-

FATOS E FALHAS

Hospital de Base de Brasília, apartamento de Tancredo Neves, final da noite de 14 de março de 1985. Tranqüilizado politicamente, mas ainda contrafeito, relutante, ele consente a cirurgia e entra no atalho para a morte. Destino?

O caso é considerado bom, uma cirurgia comum. Mas nem todos os procedimentos e cuidados indispensáveis são obedecidos. Falhas hospitalares, erros médicos, nervosismo, medo, vaidade, deslumbramento. A intervenção é concorridíssima. Trata-

* Ulysses comparou Geisel a Idi Amin Dada, o truculento e sanguinário ditador de Uganda, país centro-africano. Geisel jamais perdeu isso. Anos depois, dirá de Ulysses: “Nunca construí nada na minha opinião. Sempre fez sua demagogia, sua politicagem, mas jamais produziu. Coitado, já morreu. Sempre foi oposição, a não ser quando foi ministro no regime parlamentar de 1961. De concreto na vida pública, Ulysses fez apenas esse monstro que é a Constituição que está aí” (Ernesto Geisel, FGV, p. 262).

7 Depoimento de Fernando Henrique Cardoso ao autor, em 19 de março de 1999.

cia para o Instituto do Coração, São Paulo. Lá, mais cinco cirurgias e a morte” (8).

Brasília, ainda por volta de três da madrugada. Os entendimentos políticos se completaram. O general Leônidas telefona para Sarney. Diz que está tudo resolvido e a posse confirmada para dez da manhã no Congresso. Despede-se assim: “Boa noite, presidente”.

Sarney toma posse em sessão solene do Congresso e segue para o Palácio do Planalto, que os novos ministros encontraram praticamente vazio.

Delfim Netto relembra:

“Na verdade, o Figueiredo não tinha nada contra o Sarney. Mas acontece que ele morreu achando que o Sarney nunca foi presidente. Que foi um golpe. Que deveria ter havido uma nova eleição. Que o doutor Ulysses deveria ter assumido e providenciado uma nova eleição. Era obrigação do

Figueiredo ir ao Palácio naquela manhã. Ficou lá até anunciarem que o Sarney já ia sair do Congresso. Tanto que quem esperou por ele fomos eu e o doutor Leitão. Quando o Sarney chegou, as únicas pessoas que o estavam esperando éramos eu e o doutor Leitão. Cumprimentamos, desejamos felicidade e fomos embora. Não tinha ninguém no Palácio. Tinha lá o sujeito que servia café, o ascensorista, o pessoal que toma conta da garagem. Agora, do governo ficamos eu e o doutor Leitão esperando o Sarney chegar. Ele chegou, entregamos o governo para ele e caímos fora” (9).

Mas quem primeiro “recebeu o governo” foi o novo ministro das Relações Exteriores, Olavo Egydio Setúbal:

“Eu saí do Congresso Nacional, atravessei a praça a pé e entrei no Palácio do Planalto. Das autoridades de qualquer natureza, de qualquer origem, fui a primeira a chegar. Tomei o elevador e fui para o terceiro andar, onde é o Gabinete do Presidente, onde o Sarney ia chegar. Lá, encontrei o Delfim, que me disse: ‘O presidente Figueiredo foi embora e me encarregou de entregar o Palácio. Já que você está aqui, entrego a você’. Pegou o elevador e foi embora. Essa é a história sintética da entrega do poder ao novo governo” (10).

O gaúcho Pedro Simon, empossado no Ministério da Agricultura naquela manhã, levou um susto:

“O que o doutor Tancredo nem ninguém podia imaginar é que nós chegaríamos ao Palácio do Planalto, depois de lutar a vida inteira pelo restabelecimento da democracia, e que o encontraríamos totalmente vazio, aberto, sem um oficial de gabinete, um guarda, absolutamente ninguém. Depois de tanta luta, a gente podia pensar um milhão de coisas. Menos que o Palácio estaria vazio e que o ex-presidente sairia pelos fundos” (11).

Sarney sai do carro e entra pela porta lateral do andar térreo. Tem ao lado José

8 Depoimento de Carlos Mosconi ao autor, em 8 de março de 1995.

9 Depoimento de Antonio Delfim Netto ao autor, em 16 de março de 2000.

10 Depoimento de Olavo Egydio Setúbal ao autor, em 13 de junho de 2000.

11 Depoimento de Pedro Simon ao autor, em 27 de março de 1995.



Hugo Castello Branco, que vai assumir o Gabinete Civil da Presidência da República, e o general Rubens Bayma Denys, novo chefe do Gabinete Militar. É recebido por Delfim Netto e Leitão de Abreu, ministros de Figueiredo. Cumprimentos rápidos, despedidas. Toma o elevador. Desce no terceiro andar, Gabinete do Presidente. Tem pressa. É a posse do ministério. Todos estão esperando. Tenso e preocupado, pergunta a José Hugo: “Como é que eu vou receber o cargo e empossar os ministros? Não digo nada? Eu já não vou receber a faixa! Não será preciso uma palavra, dizer que a continuidade do governo está assegurada?”.

Sarney intui que precisa falar, que o país está chocado, espantado com os acontecimentos. É indispensável dizer o que sente, sinalizar rumos, lembrar Tancredo, tranquilizar o povo. Há muita ansiedade, boataria infernal, suspeitas sobre os problemas de saúde do presidente. Desce para o salão nobre, local da cerimônia, sem saber o que vai dizer. Está indormido, angustiado, emocionado. Quase levitando, vai para a tribuna e improvisa o primeiro discurso presidencial. Fragmentos:

“Eu estou como os olhos de ontem. E ainda prisioneiro de uma emoção que não se esgota. O Deus da minha fé, que me guardou a vida, quis que eu presidisse esta solenidade. Ele não teria me trazido de tão longe, se não me desse também, na sua bondade, as virtudes da paciência, do equilíbrio, da coragem, do idealismo, da firmeza e da visão maior das nossas responsabilidades perante esta nação e sua história. [...] Os nossos compromissos, meus e dos senhores agora empossados, são os compromissos do nosso Líder, do nosso comandante, do grande estadista Tancredo Neves, nome que constitui a bandeira de união do país”.

Numa falha protocolar, assina o termo de posse dos ministros sem sair da tribuna. Mais cumprimentos. Sarney sobe para o gabinete presidencial. Manda ligar para o Hospital de Base de Brasília. Quer notícias de Tancredo. Recebe ótimas informações. As melhores possíveis.

O poder civil voltou ao comando. Falta agora consolidar a transição política. E cultivar diariamente a democracia e o desenvolvimento econômico e social.

DEU A MORTE

De novo o hospital. Médicos não descartam relação direta entre a ausência da sonda nasogástrica e as complicações pulmonares que quase levaram Tancredo no amanhecer de 15 de março de 1985. Talvez tenha nascido aí a poderosa e incontrolável



infecção pulmonar que vai matá-lo. Tancredo Augusto relembra: “Eu não assisti à cirurgia. Fiquei sentado do lado de fora. Mas sei que tinha muita gente lá. A família confiou nos médicos. Minha tia Esther [religiosa, enfermeira, irmã de Tancredo] me disse no dia seguinte que o maior problema não fora na cirurgia. Mas uma complicação na UTI. Ele teve um problema de água no pulmão” (12).

Sarney:

“Soube que ele foi vítima de um erro médico tremendo. Depois da [segunda] operação, teve um problema de paralisia intestinal. Fizeram uma leitura errada da radiografia e concluíram que ele estava com obstrução intestinal. Quando o doutor Pinotti veio e abriu, verificou-se que não havia a obstrução. Então, o doutor Pinotti [Henrique Walter Pinotti, cirurgião paulista] resolveu corrigir a cirurgia anterior, o que foi uma tragédia. Aquilo exigiu demasiadamente do organismo dele, um homem de 75 anos. Começou a ter hemorragias. Tiveram então que levá-lo para São Paulo. A partir daí, ele entrou num desfalecimento que terminou numa tragédia para o país e todos nós” (13).

Antes do comprometimento final de sua situação de saúde, Tancredo apresenta fugez melhora. É o bastante para mobilizar dentro dele o bruxo político. Dita e assina mensagem ao presidente em exercício, em que elogia seu comportamento e exemplo. Ela é entregue no Palácio do Planalto, em mão, pelo neto Aécio Neves. Amplamente divulgada, contribui para a assimilação política e popular do governo Sarney:

“Brasília, 23 de março de 1985.
Caro Sarney,

A Nação está registrando o exemplo de irrepreensível correção moral que o prezado amigo lhe transmite no exercício da Presidência da República. Na política, o exemplo é mais importante que o discurso. O discurso é efêmero pela sua própria natureza. O seu efeito termina com a leitura

de sua divulgação por mais eloquente e oportuno que seja ele. O exemplo, ao contrário, contribui para a construção ética da consciência do nosso povo que, na solidariedade que tem demonstrado, tem me dado forças para superar estes momentos.

O seu exemplo, presidente Sarney, ficará memorável em nossa história.

Um cordial abraço para Marly.
(Tancredo Neves)”.

Transcrição fiel da resposta de Sarney, datada de 25 de março:

“Meu querido Amigo,
Presidente Tancredo Neves,

Seu generoso julgamento é motivo de grande orgulho. Melhor recompensa minha modesta vida pública não poderia ter. Tenho o seu exemplo de idealismo, honradez, inteligência, sofrimento e humildade para inspirar-me nestes momentos difíceis que, graças a Deus, estão passando. Espero, assim, cumprir com o meu dever.

Eu, Marly, Roseana, minha mãe e todos da nossa casa, irmanados às famílias brasileiras, estamos orando e fazendo votos pelo seu breve restabelecimento.

Um abraço afetuosos.
(José Sarney)”.

O médico Aloysio Campos da Paz Júnior, idealizador e cirurgião-chefe do Hospital Sarah Kubitschek de Brasília, considerado centro de referência em doenças do aparelho locomotor na América Latina, acompanhou de perto os acontecimentos. O Sarah é próximo ao Hospital de Base. Por solicitação do governo, permaneceu de prontidão para qualquer emergência.

Conclusões do doutor Campos da Paz:

“O problema maior foi aquele tumulto monumental. E eu me refiro a médicos e não-médicos. O essencial ali era cuidar do doente e não do presidente. Mas o que houve foi um verdadeiro delírio. Fiquei estarecido com o que acompanhei pela televisão. Em Brasília e São Paulo. [...] Imagino que as pressões naquele momento deviam

12 Tancredo Augusto Tolentino Neves, op. cit.

13 Depoimento de José Sarney ao autor, em 26 de fevereiro de 1995.

ser terríveis, não é? Essa coisa da convivência da medicina com o poder pode levar a muitas distorções. Para mim, Tancredo ali era um velhinho com dor na barriga. Eu conheço poucas pessoas capazes de exercer esse discernimento. [...] Sim, ele mostrou uma resistência impressionante. Se ele fosse um velhinho desconhecido, teria toda a chance de se recuperar. [...] Tancredo ensinou até no martírio: quando a medicina trata o poder e aliena a condição humana, transforma-se em patética pantomima” (14).

Tancredo é levado até para sessão de fotografias numa sala do hospital, onde tem de dobrar o corpo para sentar-se num sofá, comprimindo as feridas e cortes cirúrgicos. Muito abatido, o ventre inchado, um sorriso triste e forçado, está cercado de sorridente grupo de médicos. Em uma delas aparece também sua mulher, a doce guerreira Risoleta Guimarães Tolentino Neves. Depois a hemorragia interna caudalosa e alarmante, a transferência às pressas para o Instituto do Coração (Incor), São Paulo, no dia 26 de março de 1985. Vai como doente quase terminal. Tem 75 anos, já perdeu mais de três litros de sangue, o sistema imunológico está fragilizado, a infecção dispara. Dirá ao neto Aécio: “Eu não merecia isso!”. Sofre mais cinco cirurgias, totalizando sete em trinta dias. Era forte, amava a vida, resistiu muito.

A terceira intervenção, no primeiro dia de Incor, dura mais de cinco horas. É feita para estancar sangramento arterial e retirar pequena porção do intestino delgado. A quarta é para eliminar obstrução intestinal – hérnia encarcerada – e limpar secreções depositadas no saco de uma hérnia antiga. A situação se agrava. A quinta ocorre em 4 de abril, para limpeza de dois abscessos. Pouco após, entra em coma e chega a receber a extrema-unção. No sábado, tomografia computadorizada mostra o avanço da infecção pulmonar. No dia 9 de abril, a sexta cirurgia, uma traqueostomia, para facilitar a respiração. Considerada simples, coincide com terríveis complicações cardíacas e respiratórias.



14 Depoimento de Aloysio Campos da Paz Júnior ao autor, em 26 de abril de 1995.



Nessa altura, seu corpo, conectado a dezenas de tubos e eletrodos, está cercado de toneladas de equipamentos. Toma mais de 50 remédios e nutrientes, entre antibióticos, vitaminas, aminoácidos e analgésicos. Seu ânimo despenca.

A derradeira cirurgia, em 12 de abril, é uma laparotomia exploradora, que drena três abscessos. A partir daí, permanece sedado, não volta à consciência. A infecção pulmonar galopa, os rins funcionam mal, o quadro clínico é gravíssimo. Faz hemodiálise. A partir do dia 15, é submetido a hipotermia. Trata-se de recurso extremo, que consiste em provocar temperatura corporal inferior a 35,6°C, para reduzir o consumo de oxigênio dos tecidos. Daí, talvez, a crença popular de que seu corpo teria sido congelado. Agora, a vida se deve a equipamentos, que ficarão ligados mais nove dias.

Septicemia, infecção generalizada. Morre em 21 de abril de 1985, dia consagrado ao mártir da Independência, Tiradentes, seu ídolo e conterrâneo da Comarca do Rio das Mortes.

Comoção nacional. Vêm o reconhecimento e a homenagem do povo. Dois milhões de pessoas na despedida de São Paulo. Em Brasília, um mar humano: 20 quilômetros molhados de lágrimas entre a Base Aérea e o Palácio do Planalto. Depois, a Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, pequena para todos que querem vê-lo, despedir-se. Quatro pessoas do povo morrem esmagadas contra as grades do Palácio da Liberdade, onde está o caixão. Há muitos feridos. No dia seguinte, 24 de abril, o sepultamento no cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, em São João del-Rei, Minas. Afonso Arinos: “Há homens que dão a vida pelo país. Tancredo deu mais: deu a morte”.

A morte do presidente Tancredo Neves foi considerada suspeita pela maioria do povo. Surgiram versões de crime premeditado, algumas evidentemente fantasiosas, como a de que teria sido baleado em Brasília. Mas essa é outra história.

O país está em paz, a democracia restabelecida.